

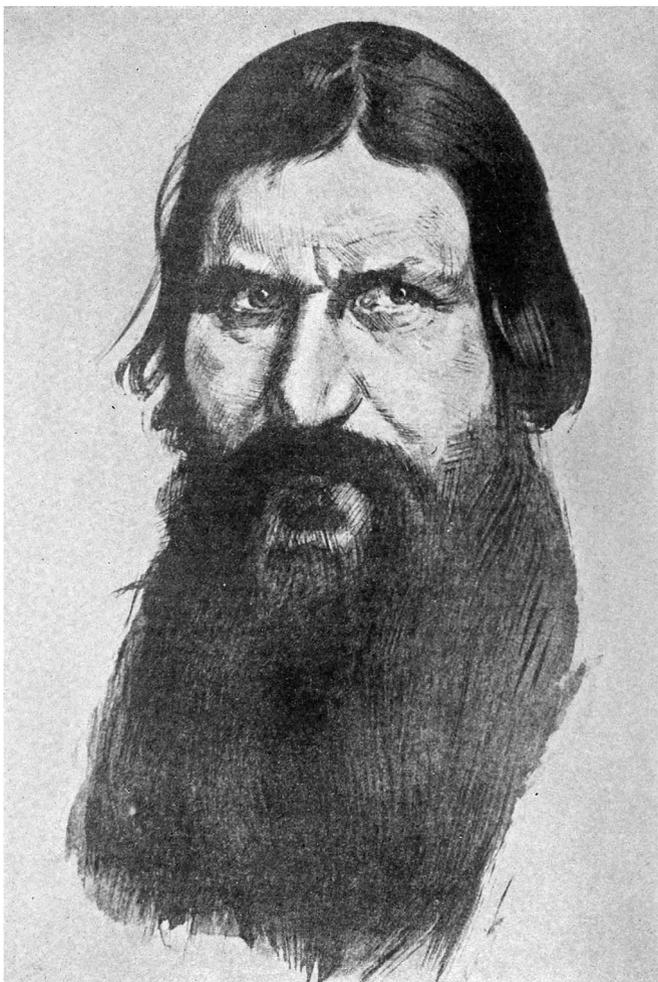
CATHERINE RADZIWILL

RASPUTINE,
O FIM DA GRANDE RÚSSIA
E A QUEDA DOS ROMANOV

Tradução de
Alexandra Cardoso

Índice

Introdução	5
<i>Capítulo Um</i>	
A SOCIEDADE RUSSA E A ASCENSÃO DE RASPUTINE..	13
<i>Capítulo Dois</i>	
AS ORIGENS DE RASPUTINE	31
<i>Capítulo Três</i>	
CONJETURAS SOBRE A ASCENSÃO E QUEDA DE RASPUTINE.....	55
<i>Capítulo Quatro</i>	
A ENTREVISTA	71
<i>Capítulo Cinco</i>	
RASPUTINE, O «FLAGELO DA RÚSSIA»	89
<i>Capítulo Seis</i>	
DE HERÓI A MÁRTIR.....	105
<i>Capítulo Sete</i>	
CONSPIRAÇÃO POLÍTICA	121
<i>Capítulo Oito</i>	
O ASSASSINATO.....	137
<i>Capítulo Nove</i>	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153



Grigori Rasputine — «O Monge Negro da Rússia»

Introdução

Esta exposição baseia-se em factos que chegaram ao meu conhecimento e, embora provavelmente longe de ser completa, visa retratar o recente estado de coisas na Rússia e, deste modo, explicar como se tornaram possíveis as grandes mudanças que ocorreram no meu país. Foram postos em circulação muitos relatos exagerados sobre a imperatriz Alexandra, o papel que ela desempenhou nas perturbações que abalaram a Rússia de um extremo ao outro e a extraordinária influência que, graças a ela e aos seus esforços a seu favor, a sinistra personagem de nome Rasputine conseguiu adquirir sobre os assuntos públicos no vasto império governado durante vinte e dois anos por Nicolau II. Muitas dessas histórias são apenas fruto da imaginação, mas infelizmente é verdade que é à conduta da imperatriz e ao papel que ela tentou desempenhar na política do mundo que os Romanov devem a perda do seu trono.

Alexandra Feodorovna foi o génio do mal da dinastia cujo chefe desposou. Sem ela, é provável que a maioria dos desastres que atingiram os exércitos russos não tivessem acontecido e é certo que a coroa que foi usada por Pedro, *o Grande*, e por Catarina II não teria caído em desgraça. Ela era totalmente inadequada para a posição a que o acaso a elevou e nunca foi capaz de compreender o carácter ou as necessidades das pessoas sobre as quais governava.

Monstruosamente egoísta, nunca olhou além dos assuntos puramente pessoais relacionados com ela ou com o seu filho, a quem idolatrava de maneira absurda. Ela, que fora criada nos princípios do verdadeiro liberalismo, que teve na avó, a falecida rainha Vitória, um exemplo perfeito de uma soberana constitucional, tornou-se, desde o primeiro dia da sua chegada à Rússia, inimiga de todo o progresso e de todas as tentativas de civilizar a nação que a recebeu como sua imperatriz. Deu a sua confiança aos reacionários mais ferozes que o país possuía. Tentou, e em certo grau conseguiu, inspirar no seu marido um desdém pelo seu povo e a determinação de defender um sistema autocrático de governo que deveria ter sido derrubado e substituído por um sistema iluminado. Altiva por natureza e por temperamento, tinha uma confiança ilimitada nas suas próprias capacidades e, especialmente depois de se tornar a mãe do filho que tanto desejara durante tantos anos, passou a acreditar que tudo o que desejava ou queria fazer tinha de ser feito e que os seus súbditos eram apenas seus escravos. Tinha uma vontade forte e muita arrogância de caráter, e compreendia admiravelmente os pontos fracos do marido, o qual se tornou uma mera marioneta nas suas mãos.

* * *

Ela própria foi apenas um joguete no plano de uns poucos aventureiros inescrupulosos que a usaram para a promoção dos seus próprios esquemas ambiciosos de angariação de dinheiro e que, se não fosse pelos acontecimentos inesperados que levaram ao derrube da casa de Romanov, teriam, em devido tempo, traído a Rússia e manchado a sua boa fama e reputação na História.

* * *

Rasputine, sobre quem tanto se falou, foi apenas um incidente no decorrer de toda uma série de factos, cada um deles mais ou menos vergonhoso e nenhum dos quais com uma única circunstância atenuante que pudesse ser apresentada como desculpa para a sua execução.

* * *

Ele próprio estava longe de ser o indivíduo notável que tem sido descrito por algumas pessoas, e, se tivesse sido deixado em paz, é provável que mesmo que alguém tivesse ouvido falar dele não teria sido por muito tempo.

* * *

Aqueles que o odiavam faziam-no principalmente porque não tinham conseguido obter dele o que queriam, empenhando-se em retratá-lo como muito mais perigoso do que realmente era. Não sabiam que era apenas o porta-voz de outros muito mais inteligentes e com bastantes menos escrúpulos do que ele próprio, os quais se escondiam atrás dele, movendo-o como fariam a peões num jogo de xadrez de acordo com os seus objetivos e vontades pessoais. Foram estas pessoas que quase levaram a Rússia à beira da ruína absoluta, mas nunca teriam sido capazes de ascender ao poder que exerceram se a imperatriz não se tivesse deixado envolver nos seus esquemas. A crença absoluta da imperatriz nos méritos do pregador errante, causada pela indiscutível influência magnética deste, acabou por lhe controlar a mente e persuadi-la de que, enquanto ele estivesse ao seu lado, nada de mal lhe poderia acontecer ou à sua família.

Não é geralmente sabido fora da Rússia que Alexandra Feodorovna desprezava o marido e que não escondia esse facto. Ela considerava-o um indivíduo fraco, incapaz de se aperceber do que acontecia à sua volta, que precisava de ser guiado e nunca deixado entregue a si mesmo. Os que a bajulavam, os quais eram muitos em todos os momentos, persuadiram-na de que possuía todo o génio e a maioria das qualidades de Catarina II, e que deveria seguir o exemplo desta última, reunindo em torno de si um número suficiente de amigos para efetuar uma revolução palaciana que a transformaria na soberana reinante daquela Rússia que não conhecia e cujo carácter era incapaz de compreender. Amor por Nicolau II nunca teve, nem estima por ele, e, desde o início do seu casamento, tratou-o como uma entidade desprezível. No entanto, teve o cuidado de adquirir influência sobre ele. Afastou zelosamente do marido todas as pessoas junto de quem este poderia ter ouvido a verdade ou que lhe poderiam ter apontado os perigos que a sua dinastia corria pelo reforço de uma política que se tornara repugnante para o país e devido à qual a guerra com a Alemanha tinha assumido um curso tão inesperado e perigoso.

Como todas as pessoas estúpidas – e a sua estupidez não foi negada nem sequer pelos seus melhores amigos –, a imperatriz acreditava que se podia governar uma nação pelo terror. Deste modo, interpôs-se sempre que Nicolau II era induzido a adotar um sistema de governo mais liberal e instava-o a subjugar pela força as aspirações que teriam resultado muito melhor para ele se tivessem sido encorajadas. Ela ouvia todos os representantes daquele velho e detestável sistema burocrático que dava à polícia o direito exclusivo de dispor da vida das pessoas e que dependia da Sibéria e do chicote para manter em ordem um país lesado e ávido de ser admitido no círculo das nações europeias civilizadas.

Sem ela e sem os seus medos absurdos, é provável que a primeira Duma não tivesse sido dissolvida. Sem as suas súplicas, é provável que as tropas que compunham a guarnição de São Petersburgo não tivessem recebido a ordem de atirar contra a pacífica população da capital naquele dia de janeiro, quando, chefiada pelo padre Gapone, aquela se dirigiu ao Palácio de Inverno para expor as suas injustiças perante o czar, a quem ainda adorava na altura. Ela estava por detrás de todas as ações tirânicas que ocorreram durante o reinado de Nicolau II, sendo posteriormente o espírito impulsionador da campanha, arquitetada pelos amigos de Rasputine, para estabelecer uma paz separada com a Alemanha.

Na longa intriga que terminou com a publicação do «Manifesto de Pskov», Rasputine desempenhou, sem dúvida, um papel considerável, mas inconsciente. Aqueles que o usaram, juntamente com a sua influência, foram muito cuidadosos em não o informar dos seus vários esquemas. Contudo, pagaram-lhe, alimentaram-no, deram-lhe champanhe a beber e belas mulheres com quem fazer amor, a fim de o induzirem a representá-los perante a imperatriz como os únicos homens capazes de salvar a Rússia, a qual não lhe interessava, e a sua coroa, à qual ela estava tão ligada. Ela e o imperador nunca discutiram política com Rasputine. Contudo, com os amigos deste, ela conversou sobre todos os assuntos políticos importantes para o bem-estar da nação e, estando convencida de que estes eram os homens mais capazes de defender os seus interesses, apresentou-os ao marido e forçou-o a seguir os conselhos que estes lhe davam. A imperatriz não suportava contradições e adorava a lisonja. Estava convencida de que ninguém era mais inteligente do que ela e desejava impor os seus pontos de vista em todo o lado e em todas as ocasiões.

Poucos soberanos foram tão odiados como ela. Em todas as classes da sociedade, o seu nome era mencionado com execração

e, após a introdução de Rasputine no seio da sua família, a aversão que ela inspirava cresceu de forma considerável. Foi abertamente acusada de degradar a posição que ocupava e a coroa que usava. Em todas as cidades e vilas do império, a sua conduta era discutida e a sua pessoa, amaldiçoada. Foi considerada responsável por todos os erros cometidos, por todas as trapalhadas criadas e por todas as omissões lamentadas, e, quando a conspiração contra Rasputine foi arquitetada, esta foi dirigida tanto contra Alexandra Feodorovna como contra o seu favorito, e era ela quem o povo pretendia atingir.

Se ela tivesse mostrado bom senso após o assassinato de um homem, que ela sabia muito bem que era considerado o inimigo mais perigoso da dinastia Romanov, as coisas poderiam ter seguido um curso diferente. Embora todos estivessem de acordo quanto à necessidade de uma mudança no sistema de governo da Rússia e embora uma revolução fosse considerada inevitável, ninguém desejava que acontecesse no momento em que aconteceu e todos os partidos políticos concordavam quanto à necessidade de a adiar para depois da guerra. No entanto, a exasperação da imperatriz contra aqueles que tinham eliminado o seu favorito levaram-na a confiar ainda mais naqueles que este lhe tinha apresentado e recomendado à sua atenção. Ela lançou-se com renovado vigor no apoio dos seus esquemas, exortando o marido a desonrar-se, juntamente com a sua assinatura, e a tornar-se um traidor perante os seus aliados e as suas promessas. Ela queria que ele concluísse uma paz com a Alemanha, o que lhe teria permitido dar livre-trânsito aos seus desejos de punir todas as pessoas que tinham conspirado contra si e contra o homem que ela considerava um salvador e um santo. Assim que este facto foi reconhecido, a revolução tornou-se inevitável. E é uma honra para a Rússia que tenha acontecido com a dignidade que marcou o seu desenvolvimento e sucesso.

Este é, em linhas gerais, o resumo das causas que provocaram a queda da dinastia Romanov, as quais nunca devem ser esquecidas sempre que alguém tentar descrever o que aconteceu. No entanto, é muito cedo para julgarmos os efeitos da Revolução Russa, porque, para começar, esta está longe de estar terminada e pode ainda tomar um rumo inesperado. Por outro lado, os eventos relacionados com ela são ainda demasiado recentes para serem considerados a partir de um ponto de vista objetivo. Evitei, portanto, exprimir uma opinião nesta narrativa. O meu objetivo é apresentar aos meus leitores uma descrição da personalidade de Rasputine, juntamente com o papel, tal como o conheço, que desempenhou no desenvolvimento da História russa durante os últimos cinco anos ou mais, e depois descrever o curso da revolução e as razões que levaram à sua explosão de forma tão inesperada.

Capítulo Um

A SOCIEDADE RUSSA E A ASCENSÃO DE RASPUTINE

Vivemos tempos estranhos, tempos em que acontecem coisas estranhas, as quais parecem ininteligíveis à primeira vista e cujas razões não conseguimos compreender. Mesmo na Rússia, onde Rasputine se tinha tornado a pessoa mais discutida em todo o império, poucas pessoas perceberam completamente o que ele era e qual tinha sido o papel que desempenhara na História moderna da Rússia. No entanto, durante os últimos dez anos, o seu nome tinha-se tornado conhecido nos palácios dos grandes nobres, cujos nomes estavam escritos no «Livro de Ouro» da aristocracia do país, bem como nos casebres dos camponeses mais pobres. Numa época em que a incredulidade atacava o coração e a inteligência da nação russa, o surgimento deste pregador vagabundo e adepto de uma das seitas mais perseguidas do império foi um acontecimento quase tão grande como o de Cagliostro nos anos anteriores à queda da velha monarquia francesa.

Havia, no entanto, uma grande diferença entre as duas personagens. Uma delas era um cortesão, um elegante homem do mundo, enquanto a outra era apenas um camponês rude com uma astúcia grosseira, que o fez descobrir rapidamente em que direção podia ter algo a ganhar e que vantagens podia colher das extraordinárias posições às quais os acontecimentos, a par das ambições de alguns, o tinham conduzido. Era uma personificação perfeita do tipo de indivíduo conhecido nos anais da

História russa como «Vremienshtchik», literalmente «o Homem do Dia», uma denominação que desde os tempos de Pedro, o Grande, era atribuída a todos os vários favoritos dos soberanos russos. Havia uma diferença, contudo, a qual era bastante essencial. Ele nunca tinha sido o favorito do atual czar, o qual talvez não lamentasse tanto como se poderia esperar o seu súbito desaparecimento deste mundo.

Direi algo que talvez surpreenda os meus leitores. Pessoalmente, Rasputine nunca foi o homem onnipotente que muitos acreditavam que fosse e, mais de uma vez, a maioria das coisas que lhe eram atribuídas não eram, de forma alguma, obra sua. No entanto, ele gostava que o público pensasse que estava a par de tudo o que acontecia e conseguiu estabelecer na sociedade russa em geral a profunda convicção de que poderia fazer absolutamente tudo o que quisesse relativamente a pôr ou retirar pessoas de cargos importantes, obtendo subsídios em dinheiro e contratos governamentais para os seus vários «protegidos», de modo tal que muitas vezes as pessoas de quem certas coisas dependiam apressavam-se a concedê-las àqueles que as pediam em nome de Rasputine por puro medo de encontrarem esse terrível ser no seu caminho. Temiam recusar a execução de qualquer pedido feito pelo próprio ou por alguém que se apresentasse como um recipiente dos seus bons serviços. No entanto, Rasputine era a ferramenta de um homem muito mais inteligente do que ele, o conde Witte. Foi, em parte, devido à influência e às orientações deste último que se tentou envolver em assuntos de estado e procurou dar conselhos às pessoas que achava necessitarem deles. Era um bruto analfabeto, mas possuía todos os instintos de uma mente dominadora que as circunstâncias e a condição de vida em que nascera o tinham impedido de desenvolver. Também tinha algo mais – uma força magnética indiscutível, que lhe permitia adicionar a

autossugestão a todas as suas palavras e que fez até mesmo pessoas incrédulas sucumbirem, por vezes, às práticas hipnóticas que exerceu, sem dúvida, a um nível considerável ao longo dos últimos anos da sua existência aventureira.

No meio do descontentamento que, seria inútil negar, existia no Império Russo durante o período imediatamente anterior à Grande Guerra, a personalidade de Rasputine desempenhou um grande papel ao dar a certas pessoas a oportunidade de explorarem a sua presença quase constante ao lado do soberano como um meio para fomentarem a opinião pública contra o imperador e lançarem o descrédito sobre ele, representando-o inteiramente subjugado à influência do astuto camponês que, por um estranho capricho do destino, se tornara, de repente, muito mais poderoso do que os próprios ministros mais fortes. A imprensa pertencente aos partidos da oposição habituara-se a atacá-lo e a considerar a sua presença na Corte Imperial como um escândalo declarado, ao qual deveria ser posto fim por todos os meios disponíveis, no interesse da dinastia.

Na Duma, o seu nome foi mencionado mais de uma vez e sempre com desprezo. Foi lançado contra ele todo o tipo de reprovações, e não foram poupados terceiros. Ele tinha-se finalmente tornado uma espécie de criatura fantástica, mais explorada do que exploradora, mais destruível do que destrutiva, cujo verdadeiro «papel» nunca será conhecido em toda a sua extensão, e que noutros países que não a Rússia e noutra época poderia ter-se tornado o fundador de uma qualquer ordem religiosa ou associação secreta. As suas ações, quando examinadas em pormenor, não diferem muito das dos fanáticos que viviam em Paris durante o reinado de Luís XV, os designados «convulsionários», os quais deram lugar a todo o tipo de excessos sob o pretexto de que estes eram aceitáveis perante Deus em razão da personalidade das pessoas que os inspiravam. Na Europa

civilizada, inteligente e culta, tal aparição teria sido impossível, mas na Rússia, aquela terra de mistérios e de profundas crenças, onde ainda existem seitas religiosas dadas a todo o tipo de excessos e ataques de loucura piedosa (dificilmente podem ser designados por qualquer outro nome), ele adquiriu num tempo relativamente curto o afeto de muitíssima gente. Estas pessoas estavam inclinadas a ver nele um profeta cujas orações eram capazes de conquistar para eles o Paraíso Divino pelo qual as suas almas famintas ansiavam. Não havia nada de fenomenal nisso. Era até, em certo sentido, uma manifestação bastante natural desta grande natureza russa, que é capaz de tantos excessos, bons ou maus, e que incrustou profundamente no fundo do seu coração uma tendência para buscar o sobrenatural na falta de convicções religiosas, as quais, graças às circunstâncias, veio a perder.

O público americano talvez não esteja ciente, de um modo geral, do caráter de certas seitas religiosas na Rússia, a qual é considerada um país de ortodoxia, com o czar no comando, e onde as pessoas pensam que não há lugar para que outra religião, além da oficial, se desenvolva. Na realidade, as coisas são muito diferentes e, além dos não-conformistas reconhecidos, os quais têm os seus próprios bispos e padres, e cuja fé é reconhecida pelo Estado, existem até hoje inúmeras seitas, cada uma mais supersticiosa e mais poderosa do que a outra em termos da influência que exercem sobre os seus adeptos. Embora não sejam, de forma alguma, numerosas, são movidas por um fanatismo tal que podem, em certos momentos, tornar-se objeto de considerável embaraço para as autoridades. Algumas são inspiradas pela convicção de que o único meio de escapar das garras do Diabo consiste no suicídio ou no assassinato de outras pessoas.

Por exemplo, a seita dos Infanticidas, ou *Dietubitsy*, como são designados, considera um dever enviar para o Céu as almas dos

recém-nascidos, os quais destroem assim que estes veem a luz do dia, pensando, deste modo, tornar-se aceitáveis perante o Todo-Poderoso ao arrebatarem as crianças do poder do Maligno. Outra seita, que atende pelo nome de Estranguladores, acredita plenamente que as portas do Céu só são abertas para aqueles que morreram uma morte violenta, e sempre que um parente ou amigo está gravemente doente eles sufocam-no sob o peso de muitas almofadas para lhes apressar o fim. Os *Filipovtsy* pregam a salvação pelo suicídio e a morte voluntária de várias pessoas em conjunto é por eles considerada uma ação meritória. Às vezes, aldeias inteiras decidem unir-se num imenso holocausto, barricando-se numa casa que é depois incendiada.

Um incidente que ocorreu durante o reinado de Alexandre II é ainda hoje recordado na Rússia. Um camponês chamado Khodkine convenceu vinte pessoas a retirarem-se com ele para uma gruta escondida nas vastas florestas da província de Perm, onde as obrigou a morrer de fome. Duas mulheres conseguiram escapar, e os fanáticos, temendo ser denunciados, suicidaram-se com as primeiras armas que encontraram. O seu terror era o de poderem ver-se obrigados a renunciar ao seu plano sinistro e, assim, voltar a cair nas garras do mesmo Satanás por medo de quem tinham decidido encontrar uma morte terrível. Mesmo no final do século passado, tais atos de fanatismo podiam ser encontrados aqui e ali no leste e no centro da Rússia. Em 1883, sob o reinado do pai do último czar, um camponês da província de Riazan, chamado Joukov, morreu queimado após atear fogo às próprias roupas, as quais tinha antes embebido em parafina. Pereceu sob o mais terrível dos tormentos, cantando hinos de louvor ao Senhor.

Entre todas estas heresias, há duas que atraíram a atenção das autoridades mais do que as outras, graças aos seus ritos secretos e às suas tendências imorais. Trata-se dos *Skoptsy*, ou Eunucos

Voluntários, sobre os quais nada adianta dizer aqui, e dos *Khlysty*, ou Flagelantes, os quais têm até hoje um número considerável de adeptos e aos quais Rasputine, sem dúvida, pertenceu. De facto, ele prestava-lhes abertamente fidelidade. Esta seita, que se autodenomina «Homens de Deus», tem os ritos mais estranhos que a imaginação humana pode inventar. De acordo com os seus preceitos, uma criatura humana deve tentar elevar a sua alma para a Divindade com a ajuda de excessos sexuais de todos os tipos. Durante as suas assembleias, entregam-se a uma espécie de valsa em redor da sala, que faz recordar as voltas dos dervixes dançantes no Oriente. Dançam e dançam até lhes faltarem as forças, e, então, caem no chão numa espécie de transe ou êxtase, durante o qual, dificilmente responsáveis pelos seus atos, imaginam ver Cristo e a Virgem Maria entre eles. E depois lançam-se no abraço dessas supostas divindades.

Em regra, o público em geral sabe muito pouco a respeito destas seitas, mas citarei aqui uma passagem de um livro sobre a Rússia, de *Sir Donald Mackenzie Wallace*, que é considerada, até hoje, a obra padrão em relação a este tema. «Entre os “Khlysty”», escreve ele, «há homens e mulheres que assumem a vocação de mestres e profetas, e, nesse papel, levam uma vida estrita e ascética, evitam os prazeres mais comuns e inocentes, esgotam-se em longos jejuns e em loucos exercícios religiosos extáticos, e abominam o casamento.» Sob a excitação causada pela sua suposta santidade e inspiração, intitulam-se não apenas Mestres e Profetas, mas também Salvadores, Redentores, Cristos, Mães de Deus. De um modo geral, autodenominam-se simplesmente deuses e oram uns aos outros como a verdadeiros deuses e Cristos e Madonas vivos. Quando vários desses professores se reúnem num encontro, disputam uns com os outros de modo vaidoso e gabarolas quem possui maior graça e poder. Nessa rivalidade, dão às vezes golpes vigorosos nas orelhas uns

dos outros, e aquele que aguentar os golpes com mais paciência, voltando a outra face para o atacante, adquire a reputação de ser o mais sagrado.

«Outra seita pertencente à mesma categoria e que reivindica um parentesco próximo são os Saltadores, entre os quais o elemento erótico é desagradavelmente proeminente. Eis uma descrição das suas reuniões religiosas, realizadas durante o verão numa floresta e em alguma cabana ou celeiro durante o inverno. Após a devida preparação, as orações são lidas pelo professor principal, vestido com uma túnica branca e de pé no meio da congregação. A princípio, ele lê num tom de voz normal e depois passa gradualmente para um canto alegre. Quando observa que o canto afetou suficientemente os ouvintes, começa a saltar. Os ouvintes, também cantando, seguem o seu exemplo e a sua excitação sempre crescente encontra expressão em saltarem o mais alto possível. Continuam até não poderem mais – homens e mulheres a gritar como selvagens enfurecidos. Quando estão todos completamente exaustos, o líder declara que ouve os anjos a cantar e, então, começa uma cena que não pode ser descrita aqui.»

Citei esta passagem na íntegra porque pode dar ao leitor, que não é versado nos detalhes da existência e da psicologia russa, a chave para as circunstâncias que ajudaram Rasputine a absorver, ao longo de um número considerável de anos, a atenção do público na Rússia e que tornaram, de facto, possível que se transformasse numa grande força governante, embora não governadora, do país. De certa forma, ele apelou para as duas grandes facetas do carácter humano em geral e do carácter russo em particular – o misticismo e a influência dos sentidos. Não é assim tão surpreendente, como pode parecer à primeira vista, que tenha conseguido ascender a uma posição que ninguém que o conheceu a princípio alguma vez supôs que alcançasse ou pudesse atingir.

Ao mesmo tempo, e ao fazer um breve esboço da carreira deste indivíduo extraordinário, devo protestar contra as muitas calúnias que o associaram a nomes que não mencionarei aqui por respeito e sentimentos de patriotismo. É suficientemente doloroso ter de o dizer, mas a calúnia alemã, que não poupa ninguém, usou também as suas flechas envenenadas onde Rasputine era discutido. Tentou transformar o amor e a ansiedade maternos em algo completamente diferente, e tentou macular aquilo em que não podia tocar. Houve muitos episódios tristes em toda a história de Rasputine, mas algumas das pessoas que foram mencionadas em relação aos mesmos eram completamente inocentes das coisas pelas quais foram censuradas. Finalmente, a indignação que estas acusações vis e infundadas despertaram nos corações dos verdadeiros amigos e servos do povo levaram ao drama que removeu para sempre da superfície da sociedade russa o sectário que conseguira, infelizmente, introduzir-se no seu seio.

O mais extraordinário sobre Rasputine é o facto de não ter sido assassinado antes. Era tão desprezado e tão universalmente detestado em toda a Rússia que foi realmente um milagre ter conseguido permanecer vivo durante tanto tempo depois de ter sido considerado impossível afastá-lo da sociedade mundana por meios não-violentos. Era um facto reconhecido que estava envolvido em todos os assuntos relacionados com dinheiro sujo e que nenhum negócio de carácter financeiro relacionado com despesas militares podia ser fechado sem que ele estivesse envolvido. Sobre isso, no entanto, falarei mais tarde, quando tentar explicar como a lenda de Rasputine se espalhou e como foi explorada por todo o tipo de indivíduos de carácter duvidoso, que usaram o seu nome para os seus próprios fins. O escândalo relacionado com a maneira descarada como se associou a inúmeras transações, mais ou menos desonestas, foi tão grande que,

infelizmente, acabou por se estender a pessoas e a nomes que nunca deviam ter sido mencionados em conjunto com ele.

* * *

Nunca devemos esquecer, e nunca é de mais repetir, que Rasputine era um camponês comum da pior classe dos mujiques russos, desprovido de qualquer tipo de educação, sem maneiras e, na sua aparência exterior, mais nojento do que qualquer outra coisa. Seria impossível explicar a influência que conseguiu, sem dúvida, adquirir sobre algumas pessoas pertencentes aos mais elevados círculos sociais se não levássemos em conta o misticismo e a superstição que estão na base da natureza eslava e a tendência que o caráter russo tem para aceitar como manifestação do poder da divindade todas as coisas que tocam o maravilhoso ou o inexplicável. Em certo sentido, Rasputine apareceu no centro da vida social russa no exato momento em que os seus ensinamentos se podiam tornar aceitáveis, numa altura em que a sociedade russa fora profundamente abalada pela revolução que se seguira à guerra japonesa e estava à procura, em toda a parte, de um porto seguro onde encontrar um refúgio.

* * *

No início da sua carreira, e quando foi introduzido nos círculos mais seletos da capital russa, graças aos caprichos de duas ou três fanáticas ortodoxas que imaginaram ter encontrado nele um segundo Savonarola cujos sermões e ensinamentos podiam provocar uma renovação do fervor religioso, as pessoas riram-se dele e das suas discípulas femininas, fazendo todo o tipo de piadas, boas e más, sobre ele e essas discípulas. No entanto, este

tipo de coisas não durou muito, e Rasputine, que embora totalmente destituído de cultura possuía grande astúcia – uma das características distintivas do camponês russo –, foi o primeiro a adivinhar todas as possibilidades que este repentino «entusiasmo» de gente influente pela sua pessoa abria diante dele e qual a utilidade que lhe poderia dar em termos da sua ambição, bem como do seu excessivo amor pelo dinheiro. Começou por cobrar um salário considerável por todas as orações que tinha de fazer a pedido dos seus adoradores e a todas as senhoras, belas ou simplórias, que o canonizavam no seu entusiasmo por todas as coisas maravilhosas que ele lhes dizia continuamente. Era eloquente, de certa forma, e no início da sua extraordinária existência taumatúrgica ainda não tinha adotado a atitude que mais tarde assumiria – a de ídolo, a quem todos deviam adorar.



Fotografia, International Film Service, Inc.

O antigo Czar e a Sua Família